



4560 PENAFIEL  
TAXA PAGA

Quinzenário • 1 de Abril de 1995 • Ano LII - N.º 1332 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## MOÇAMBIQUE

### Vida cheia de preocupações

A nossa vida, em cada dia, é cheia de preocupações, emoções, aflições e o mais de que Deus nos livra na hora, para só nos deixar ver depois. Se tudo fosse como noticiário condensado, não aguentaríamos o peso. Estamos aqui para eles, e por eles temos de sangrar se preciso for.

De um modo geral, os rapazes já atingiram certo grau de atenção ao estudo e ao trabalho. Passou o tempo da violência, da falta de hábitos e de disciplina. Começou o tempo da confiança, a passagem para a amizade e entreajuda, que faz de cada um o mestre do outro.

O António Romão é o novo chefe. Anda na 6.ª classe. No período da manhã trabalha no tractor. Em poucos dias teve dois sobressaltos. Primeiro foi a esteira da *caterpillar* que rebentou. Andava ele sozinho a fazer bacias de acumulação da água das chuvas, no vale grande da serra. Veio a correr aflito dar conta: — *Pensei que era uma mina, quando ouvi o barulho. O susto foi grande. O outro, foi o rebentamento da roda grande do tractor quando empurrava areia com a pá, junto da betoneira, na hora da grande azáfama de encher a placa da casa-mãe. De ambas as vezes se apressou a dar contas.*

### Sintoma do estado de espírito dos moçambicanos

Se me mostrei agastado com o prejuízo, interiormente agradei a Deus o quanto ele já se distancia, nas responsabilidades, dos outros operários e mesmo mestres que trabalham connosco. — *Estragou? Deixa ficar.* É um dos sintomas mais trágicos, quanto a mim, do estado de espírito do povo moçambicano. Durante duas décadas só destruição. Não sabem conservar. Não tomam a responsabilidade de guardar o que recebem. Há-de haver excepções. E pior. Nos nossos operários não há interesse por fazer bem. Parece que fazem mal de propósito. Não adianta explicar, perguntar se entendeu e virar as costas. Só mesmo estando à beira de cada um. Por aí já me cansei e não aguento. No dia em que pudermos estar só com os rapazes, será um descanso. Quando será possível? As obras estão atrasadas!

A nossa vida com os rapazes também não tem tréguas. Saíram alguns que não se adaptaram. Coração ao largo. Vieram logo outros dos muitos que esperam e volta e meia chegam a pé, de Maputo, a pedir para ficar.

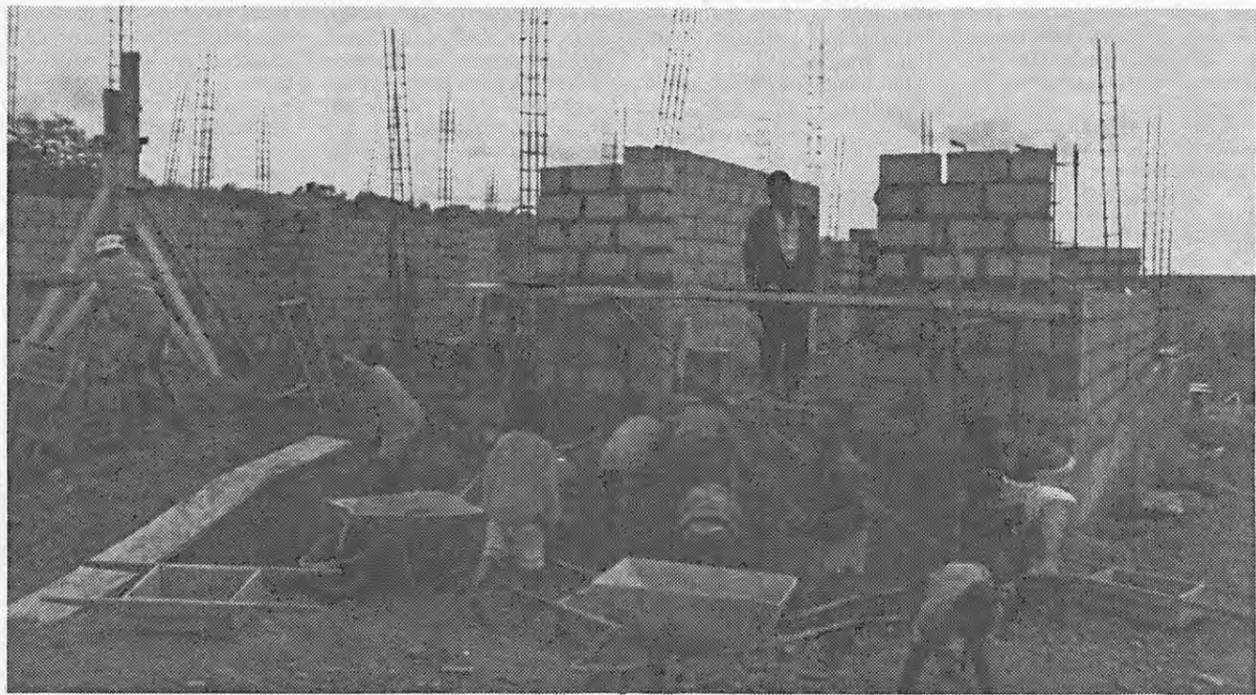
### Problemas de saúde da comunidade

Com a vinda da *Tia Preciosa*, por mérito e não só de nome, começámos a dar mais atenção aos males e não apenas aos problemas pontuais de saúde. A malária leva, todos os dias, alguns ao leito. Febres altas, remédios a horas certas; não há descuidos. Há que ir porém ao hospital todos os dias para consultas, análises, internamentos e até cirurgias. O Gilberto está a ser preparado a fim de seguir para Lisboa tentar a recuperação de uma vista, que a outra e a coluna já não têm remédio. O pequenino Bruno traz-nos preocupados. Anda em estudo médico. Volta e meia aparece diarreia sanguínea. De vírus, salmonelas ou fístula há hipótese. Não descansaremos, mesmo que seja o mal maior. O Décio, com problemas graves a nível gástrico e circulatório, por causa das drogas que usou na rua: gasóleo, pó de balas militares e mais que não sabemos ainda.

Outros, com problemas de visão e desenvolvimento, portadores de tuberculose desde pequeninos. O que há mais escondido no corpo e na alma de cada um, para que procuremos a tempo o seu remédio?

O peso de cada dia é aliviado quando chego da cidade e correm para mim: — *Papá quero dar um beijo. Papá onde estiveste? Que fostes fazer?* São oito vezes a mesma pergunta e oito beijos diferentes que retribuo com emoção e todo o carinho de que sou capaz. São os mais pequeninos, o grande remédio para o cansaço, qual mimo que vem de Deus.

Padre José Maria



Prossegue a construção da nova Aldeia da Casa do Gaiato de Moçambique

## Tribuna de Coimbra

### Temas para o nosso jornal

Quantas vezes me escondo ao pretender

escrever para O GAIATO. Nem mesmo assim. Um chama de um lado, outro do outro, e o tema é forçosamente alterado.

## FESTAS

### SETÚBAL

As nossas Festas levam ao público a lição da família que é uma Casa do Gaiato, assente em três pilares fundamentais: A paternidade dos padres e das senhoras, a fraternidade dos irmãos — Obra de Rapazes, para rapazes, pelos rapazes — e a comunhão entre todos que é feita com vida e assumida sobretudo no trabalho e zelo por toda a acção da comunidade.

Naturalmente que o Padre Américo tem o seu papel e a sua autoridade no espectáculo.

1 de Abril, às 21,30 h. — Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense — AZEITÃO;

8 de Abril, às 21,30 h. — Sociedade Filarmónica Humanitária de PALMELA;

23 de Abril, às 15 h. — Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA;

29 de Abril, às 21,30 h. — Sociedade de Instrução Musical da QUINTA DO ANJO;

6 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade do Grupo Popular Recreativo Cabanense — CABANAS;

19 de Maio, às 21,30 h. — Teatro Aveirense — AVEIRO;

20 de Maio, às 21,30 h. — Forum Luiza Todi — SETÚBAL;

26 e 27 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade Amut — SARILHOS GRANDES.

Padre Acílio

Tinha pensado nos peditórios feitos nos primeiros domingos da Quaresma em algumas Igrejas de Coimbra. Sim, foram encontros vivos de amizade e partilha para connosco. Nota-se que os cristãos procuram ansiosamente a Palavra de Deus. Estão fartos de ouvir querelas verbais. Está nos olhos, na atenção, na interioridade. Depois, a nossa vida de comunhão com os Pobres seduz e inquieta... Mais diria se o Zé Carlos não entrasse escritório adentro e com aqueles olhos fulminantes me não tivesse quebrado o fio à meada... Procuo descobrir o motivo da sua visita: — *Há tempo que te não vejo...!* Cemos à mesma mesa — é certo. Mas há um «ver» familiar que se perde por vezes na vastidão do número. Eles são cerca de 100. Sinto que esta interrupção é nada mais nada menos que uma necessidade de encontro de olhos nos olhos e de coração. Acontece que cada um tem exigências próprias decorrentes da sua própria história. Ouvi-los, estar atento aos sinais que emitem para que os escutemos é tarefa que exige muita paciência e disponibilidade. Há deles que dão o primeiro passo e então a ponte da comunicação estabelece-se mais facilmente. Mas

aqueles que ficam fechados ou que lançam de longe um olhar vazio? Quão difícil é chegar lá! Agora é o Zé Carlos, daqui a nada o «Ciganito», logo a seguir o «Gémeo»... São feridas no corpo, outras que clamam do fundo da alma; necessidades reais, outras de artifício: um lápis, um caderno, uns sapatos; um dente que dói, um ouvido que zumbe, o nariz a sangrar e por uma bulha o choro convulsivo para acalmar.

### Resposta aos anseios de todos

Em tudo e sempre a necessidade enorme de cada um ser reconhecido. Às vezes, sem querermos, perdemos ou esquecemos aquela compaixão que em determinado momento da vida nos marcou profundamente e fez de cada um deles um filho nosso.

A visita do Zé Carlos, ainda não afeito à nossa Casa, tão seduzido pela liberdade da rua, ou pelas noitadas quentes à porta de qualquer bar, nos seus 11 anos tão vividos, faz-me pensar nesta necessidade constante de acolhimento e de resposta aos anseios mais profundos de todos e de cada um.

Padre João

## Conferência de Paço de Sousa

**DESENVOLVIMENTO SOCIAL** — Em mensagem dirigida à *Cimeira Mundial para o Desenvolvimento Social*, o Santo Padre sublinha que ela «colocou sob os olhos da opinião pública do Mundo inteiro as desigualdades existentes entre povos ricos e pobres, e as tragédias infelizmente assinalam a vida de grande parte da Humanidade». Este mundo, cada vez mais uma aldeia global, é marcado por crises cíclicas (ao que dizem), mas que são permanentes... Fabricadas também pelos grandes detentores do deus-milhão.

A partida, a cimeira produziu generosidade nos anfitriões. Permita Deus que a sua temática seja uma grande motivação para todos os países. E, na opinião do delegado da Santa Sé, «deva coincidir com a assunção de um empenho concreto (dos responsáveis das nações) para mudar os factores económicos que provocam profundas desigualdades e o aumento da pobreza». Mais ainda: que «os Pobres devem ser protagonistas do seu desenvolvimento; e, com este objectivo, deve ser resolvido, antes de mais e com rapidez, o problema da dívida externa dos países em vias de desenvolvimento». Como já fez a Dinamarca — para exemplo dos grandes! De facto, o desemprego (tecnológico ou não) e a miséria grassam por todo o Mundo. Até nas metrópoles das nações mais abastadas...

Vamos parar com um quadro vivo: Uma criança de família que remediámos assiduamente, feriu a nossa vista. Tem ainda um aspecto raquítico, por subalimentação nos primeiros anos de vida. Tem fome de carinho. Até dum *supérfluo*... que os pais não podem dar. Quando se lho pôs na mão, que tremia, *comeu-o* também pelos olhos!

**PARTILHA** — Assinante 9708, de Coimbra: «Cheque de doze mil escudos. Sabem melhor do que eu as maiores necessidades. É pouco, mas pode ser que na 'astronómica' conta da farmácia seja um pequeno abatimento. *Intenção: por alma dos meus pais*».

Canadá, assinante 32217: «Uma migalha de pão (vinte dólares canadianos) para ser entregue a um dos vossos Pobres» — e um voto muito pessoal.

Ovar: «Cinco mil, para os Pobres mais necessitados e mais envergonhados. Não precisam de agradecer, pois vejo pela conta bancária ou pel'O GAIATO» — afirma o assinante 42971, que expressa mais uma intenção especial.

Aveiro, Rua Dr. Alberto Souto, um cheque da assinante 9983, sendo «dez mil para o tratamento duma cancerosa e outros dez para aplicarem no que for mais necessário. Não acusem recepção por carta. Basta n'O GAIATO».

O costume, do casal-assinante 11902, de Fundão, com onze mil para a «distribuição habitual».

Mais um cheque, da assinante 14493, do Porto: «Com muita amizade, mando a minha contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, referente ao mês de Março. Para onde? Não interessa. Vós é que sabeis onde as feridas doem».

Um bom e velho Amigo, assinante 1893, da Calçada da Póvoa — Porto, fecha a procissão pedindo «desculpa,

# Pelas CASAS DO GAIATO

mais uma vez, pela pequenez do cheque». Esta coluna é sempre um repositório de almas grandes!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**VISITAS** — Têm vindo muitas excursões, no fim-de-semana, mas nos dias úteis também chegam bastantes — de escolas do norte do País.

**OBRAS** — Os trolhas andam a pintar janelas. Ainda só pintaram as da casa 3 de cima. Agora pintam as da casa 3, de baixo.

**ANIMAIS** — As galinhas continuam a dar muitos ovos. No pomar os animais, de manhã, fogem para o sol. Na vacaria, duas vacas tiveram crias durante o mês de Março.

**TRABALHOS** — Toda a malta tem a sua obrigação; uns no campo, outros na pecuária, na horta, nas obras, na carpintaria, na serralharia, na tipografia, etc. Até os mais pequeninos também *trabalham*. Mas estes só varrem as ruínas e apanham os papéis do chão! Alguns rapazes trabalham fora da nossa Casa. No Porto, na Maia, em Valongo e nas redondezas de Penafiel.

«Cato»

**DESPORTO** — A nossa equipa tem ido bem no torneio! Afinal não é só nos jogos profissionais que os árbitros são severamente criticados. Também nos amadores.

A nossa formação parece estar condenada ao castigo deles, sem fazer nada. Alguns jogadores, principalmente os avançados, estão fartos de levar «porrada» e os árbitros não fazem nada. Acharmos nós que não estão a ser justos. Mas porquê?

Se continuar assim, talvez desistamos do torneio. É tudo uma «palhaçada», o que está a acontecer.

Bem, deixemos as tristezas e os desgostos, para nos cingirmos aos bons resultados.

Na segunda jornada, ganhámos ao F. C. de Cadeade por 3-1. E, na terceira, empatámos com o F. C. de S. Lourenço por 2-2. Este encontro foi muito duro em todos os aspectos, mas conseguimos aguentar até ao fim.

No meu critério, os árbitros não estiveram bem. Fomos prejudicados.

Repórter X

## TOJAL

**ÁFRICA** — Nos dois últimos meses o nosso Padre Cristóvão visitou as nossas Casas do Gaiato lá existentes. Gostou do clima, mas disse: «Foi pena ter visto muita miséria. Pessoas a passarem fome nas cidades e vilas de África». Ainda há muita miséria escondida por ali. Esperemos que as várias obras de Ajuda Humanitária, e outras, consigam resolver o problema. A corrida aos alimentos é parecida com uma loja em liquidação. E os preços são altíssimos...

**VISITAS** — Temos recebido várias excursões de

diversos pontos do País. Ficam a conhecer a Obra da Rua e também novos amigos. Nós contentes por saber quanto as pessoas gostam da Obra e têm esperança de que, um dia, seremos Alguém. Gostamos sempre que nos visitem, principalmente aos fins-de-semana, quando estamos todos juntos.

**ESCOLAS** — Chegámos à Primavera. Termina o 2.º período escolar. O nosso Padre Cristóvão disse que este é o mais decisivo. Alguns testes correram mal para alguns rapazes e outros correram bem. Só falta saber as notas finais. Alguns esperam negativas. Não se sabe ao certo, mas prevê-se algumas. É a vida dos estudantes. Não pára desde o primeiro ao último dia de aulas. Se querem ser alguém na vida têm que estudar muito. Continuar sempre em frente.

**JARDINS** — Flores de muitas espécies. Umas, significam alegria; outras, tristeza. Sinal de que umas são mais regadas do que outras. Vemos isso pelas suas cores a sorrir neste tempo tão belo, de Primavera. Os pássaros cantam e chilream de alegria. As flores lançam os seus *olhares* de beleza e vaidade. As crianças brincam.

**OBRAS** — A rua central já está calçada. Continuamos agora na paralela, do nosso campo de futebol. Estamos a reconstruir a regadeira já existente há muitos anos. Penso que os sonhos desta Casa já se concretizaram: Temos um tanque-piscina; e que piscina! Uma belíssima Casa de Férias, num monte de Sintra, com rica paisagem.

**FUTEBOL** — Sempre que vêm cá as excursões, jogamos

futebol. Normalmente, temos ganho sempre e estamos à espera que venham cá desafiar-nos. Para isto, terão que nos informar, telefonando para o 9749019 perguntando pelo Luís Miguel Fontes ou Angelo Ferreira, ou escrevendo para: *Grupo Desportivo — Casa do Gaiato — St.º António do Tojal — 2670 Loures*. Se preferirem telefonar, seja nos sábados de manhã.

**OFERTAS** — Gostamos muito delas. Ao pequeno-almoço, papas. Ao almoço e ao jantar, diversa fruta oferecida todas as semanas. Só temos tido falta de iogurtes.

Joaquim Miguel F. Pinto

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Agradecemos a vossa contribuição aos apelos para a máquina de lavar — já oferecida ao nosso doente. Estamos

preocupados com o seu problema de saúde porque tem uma caverna num pulmão e muitas dores de estômago. Está medicado, mas os remédios são caríssimos. No entanto, a nossa Conferência tenta ajudá-lo nesta despesa. Quanto ao quarto que precisam de alugar, tiveram o descaramento de lhe propor 40.000\$00. Não se arranja por menos; mas, junto da Câmara do Porto, procuramos uma casa.

Através do Farrapeiro de S. Vicente de Paulo conseguimos dois guarda-fatos e uma mobília de sala de jantar. Agora só precisam de saúde e paz para viverem.

**RECEBEMOS** — Amiga, da Holanda, 7.000\$00 com a seguinte mensagem: «Que Deus vos ilumine com os olhos do seu espírito em nome do Senhor Jesus e enriqueça os vossos espíritos». Anónima, 10.000\$00. Amiga, da Alemanha, 100 marcos. Assinante 6313, 50.000\$00. Rosalina, 10.000\$. Diamantina, 10.000\$00. Anónima, 5.000\$. Anónimo, 2.000\$00. E. P., 5.000\$00. Assinante 22801, 5.000\$00. Assinante 29884, 10.000\$00. Amiga, de Fiães, 10.000\$00 com a seguinte mensagem: «O coração é uma riqueza que não se vende nem se compra: precisa-se». J. Moniz, 30.000\$00. Uma terceira franciscana, 15.000\$. Anónimo, 7.500\$00. J. R. D., 2.000\$00. Assinante 62667, 5.000\$00. Helena, 10.000\$00. Cheque de Graziela. Donativo de Idalina.

Aos leitores do *Famoso*, muito obrigado. E bem hajam pelo apoio moral que nos dão com as vossas cartas.

*Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.*

Casal vicentino

## Uma relíquia do século passado

JÁ somos velhos conhecidos e amigos. Mal a filha lhe deu a notícia do meu telefonema a dizer onde me encontrava, logo ele sugeriu chamarem um carro e vir passar essa tarde comigo.

Quando chegaram, estava eu à espera num dos largos. Abri a porta e ajudei-o a sair. Foi um abraço de muita amizade. Muitas vezes nos encontrámos à procura de soluções para os Pobres que topámos na vida.

Com 95 anos feitos o ano passado, agasalhado do frio e da chuva, caminhou, com sua bengalinha, até um banco onde nos sentámos. Foram horas de saudosas recordações: a Escola Primária daquele tempo; as aulas no Liceu; o primeiro encontro com a mulher com quem casou; o nascimento do primeiro filho e de todos os outros; as cidades onde trabalhou; as promoções no trabalho; a aposentação; o falecimento da esposa com 90 anos. Que saudades de toda a vida!

Criaram, e bem criados, quinze filhos: — *Fizemos muito sacrifício para os criar. Nunca tivemos casa nossa, nem carro. Andávamos a pé. Tínhamos de poupar muito para viver. Graças a Deus que nunca nos faltou. Com ele veio uma filha. Que ternura com o pai! — Deus queira que o nosso pai chegue até aos 100 anos. O cuidado com que ela o aconchegava! Que o frio não lhe tocasse.*

Falaram da família. Sete dos filhos vivem nesta cidade. Uma é religiosa e a comunidade a que pertence teve de abandonar Moçambique e fixar-se no Brasil. Os pais já a foram visitar. Três deles ficaram na cidade onde nasceram. Só um é que reside noutra. Todos trabalham e estão bem. Continuam muito amigos. Dois já faleceram.

A filha recordou a educação esmerada que todos receberam dos pais. As visitas aos Pobres. A assistência aos actos religiosos. O portão grande da casa que a mãe queria sempre aberto para receber toda a gente.

Uma tarde deliciosa! Foi pena que a noite pareceu ter vindo mais cedo. A nossa carrinha levou-os. Fiquei com a sensação de que tivemos em casa uma relíquia do século passado. Deus a conserve e que o seu bom exemplo nos confirme.

Padre Horácio



Eis um bôlido dos automobilistas de Paço de Sousa, já referidos pelos nossos cronistas.

# ENCONTROS EM BENGUELA

## Uma visão contraditória de Luanda

**D**E passagem por Luanda fiquei com uma visão contraditória da cidade: por um lado os grandes edifícios, sinais de um poder político-económico que já terá sido grande e ainda hoje nos surpreende; por outro lado ficamos chocados com o abandono geral, pois nestes vinte anos nada foi reparado mas tudo sofreu o desgaste do tempo e das convulsões sociais: ruas esburacadas por todo o lado, falta de saneamento, lixeiras em todas as ruas. Alguns edifícios que organizações internacionais estão a reparar parecem de outro mundo e não deste. Multidões de Pobres pelas ruas cruzando-se com alguns carros do último figurino europeu fazem-nos sentir ainda mais a agressão das contradições sociais. Ruas que podiam ter sido

bonitas aparecem com altos muros e sempre grandes gradeamentos de ferro. Sentimo-nos desamparados no meio desta cidade e queremos partir.

Fui ao «Roque Santeiro»: Ali tudo se compra e tudo se vende num morro sem qualquer árvore. Não há regras ou cálculo de custos, só o mercado e a penúria impõem as leis. A linguagem é a dos milhões. A mercadoria é a que foi possível ou no roubo ou na corrupção que é uma viçosa instituição por estes lados.

## As terras do Vale do Cavaco esperam a paz para poderem alimentar milhares de bocas famintas

Fui para Benguela... Alegria de encontrar a nossa Casa limpa e arrumadinha já com bonitos jardins. As terras pertencentes à

quinta preparadas para receber as sementes. Um oásis no meio destes desertos sociais e humanos. Muitos meninos. As estruturas base da nossa Casa aí estão já semeadas: as obrigações, os chefes, a responsabilidade, o dar conta, a escola, as oficinas...

Benguela encontra-se, neste momento, num compasso de espera. O que virá: a guerra ou a paz? Os armazéns estão vazios, a penúria é grande, ninguém quer arriscar. Os trabalhadores por conta da Casa preferem um pagamento em géneros do que os milhões porque não sabem onde os poderão trocar por géneros alimentares. Escasseia o milho, o feijão, o arroz, leite nem sonhar com ele... Foi a primeira coisa que a Teresa me disse: — *Não temos leite para os nossos meninos!*

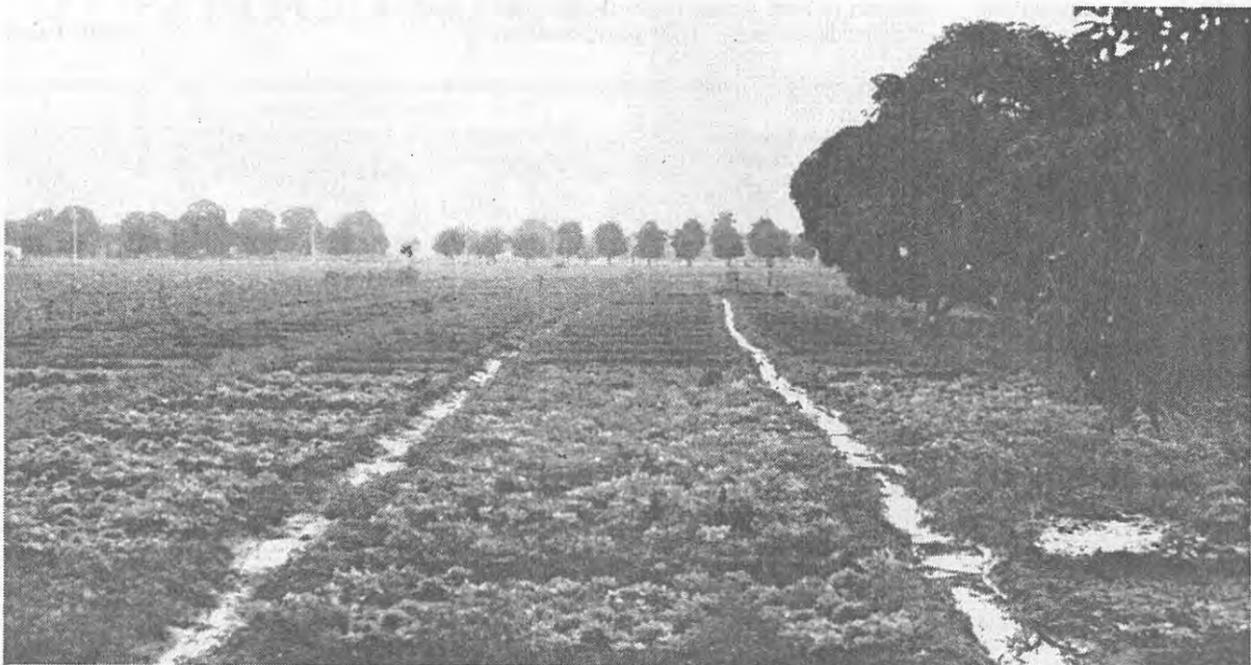
Padre Manuel António debate-se com um problema de consciência: Tem um bonito

milharal que pensava que pudesse ajudar na ração de alguns animais já existentes a fim de terem alguma carne, mas o povo não tem milho e é a base da sua alimentação. Que fazer às dezenas de mulheres, melhor, farrapos de mulheres, com os filhos às costas, que diariamente aparecem com a fome estampada no rosto?

Estas terras do Vale do Cavaco e arredores esperam a paz para poderem alimentar tantas bocas famintas. Milhares de refugiados em campos ou a deambular pela cidade esperam regressar às suas terras. D. Óscar, o Bispo da Diocese, espera poder visitar as comunidades cristãs mais longe da cidade onde agora não pode ir. O povo cristão ora ao Coração de Maria pela paz.

Com este povo rezo também e espero. Convido-te a fazer o mesmo.

Padre Manuel Cristóvão



Uma parte da quinta da nossa Casa do Gaiato de Benguela

# Malanje dia-a-dia

19/2/95

Às dez horas a santa Missa na Capela da nossa Aldeia. Pela porta entreaberta olhei o «Malazar» (nosso desde os 5 anos e agora pai de filhos) a dar os últimos retoques nos cânticos. A seguir pasmei ao ver (em tudo o que era sítio) a profusão de latas de «Coca-cola» a servirem de jarras para as flores.

E pensei:

Latas que sugaram sangue de gente num bairro qualquer. As «multinacionais» vão buscar ao Pobre o último centavo de que fazem os milhões...

Além destas, uma invasão de todos os tamanhos e designações: óleo, leite, tintas e venenos...

Lata para a água,

lata para guardar fuba,

lata para cozinhar,

lata para o filho levar à escola a servir de banco,

latas para plantar flores e adornarem os altares.

O Senhor até encontrará graça às latinhas de «Coca-cola» que O aconchegam com a ternura das flores. Até mesmo!

Há, porém, um misto de tristeza pela miséria trágica dum Povo... Isto numa Pátria rica de petróleo, diamantes, mar e campinas férteis de recursos ilimitados!

O «Malazar» acordou-me e fez sinal. Começámos a celebração acompanhada com três batuques que dão ritmo aos cânticos.

\*\*\*

Com a nossa ausência, o capim tomou conta dos caminhos e recintos; os morcegos, das casas; as gentes, dos aros dos portais, das mangas e dos abacates!

Em todas as casas, centenas de marcas da fúria guerreira.

Há dois meses que lutamos: quartos de banho, esgotos, telhados, pinturas, portas e janelas.

Quando leres, já estaremos na nossa Aldeia... Pena que não sejam ainda bem definidos os sinais de paz: ora clareiras de sol, ora nuvens espessas...

O Povo continua a depender dos aviões que vêm e vão...

24/2/95

A UNICEF reuniu, num dia de festa, umas duas mil crianças. Houve concursos de desenhos, trabalhos manuais e jogos. Os nossos rapazes ganharam os primeiros lugares.

O trabalho e desenho foi do Santos, de 12 anos: um tractor com charrua de três discos acoplada, tudo feito com chapas das tais «latinhas» e *pinchavelhos* de arame.

O trabalho do Santos foi uma pinclada que avivou o desejo dos campos lavrados e dos frutos ao sol! Talvez por isso, o prémio.

Este desejo, como a paz, anda de muletas. Depois de tantas promessas, o Povo continua fechado e sem caminhos abertos.

25/2/95

Num dos contentores veio algum calçado para os rapazes. Que bom! Que alegres ficámos! Não pensámos então que isto seria uma fonte de dor e perturbação.

As solicitações do exterior surgiram as tentações e os roubos.

Os nossos sapatos começaram a brilhar em pés estranhos.

Fechámos a sete chaves. Não serviu. Agora até desaparece dos nossos próprios pés!

De pés descalços, seríamos mais felizes...

É a história do gavião: «Somente ficou liberto e feliz quando, em pleno céu, largou o pedaço de carne aos outros gaviões que o perseguiam».

Padre Telmo

# Património dos Pobres

## Vencidos da vida

**O** telefone chamou por mim e eu atendi. Do outro lado uma voz de homem perguntou se o senhor prior já me tinha falado. A minha resposta negativa seguiu-se o desabafo: — *Somos uns desgraçados! A minha mulher, os meus filhos e eu já há muitos meses não temos casa, nem trabalho nem comer. Vivemos por aí, ao Deus dará. Vamos continuar nesta vida...*

Procurei animá-lo. Que fosse, de novo, falar com o pároco da freguesia e este que entrasse em contacto comigo.

No dia seguinte, contactou. Era uma situação angustiante. Os dois filhos pequeninos, fazendo o mais novo um ano nesse mesmo dia. Havia um inquilino que lhes cedia metade da casa, mas era necessário pagar a renda de dois meses. Eram setenta mil escudos de entrada.

Dei-lhe esperança da nossa ajuda e logo na manhã do dia seguinte apareceu o homem acompanhado da esposa. Não sou capaz de descrever o aspecto de ambos! Mais pareciam uns vencidos da vida. Esqueléticos. Mal vestidos. Traziam na pobre carteira dela o papel de arrendamento.

Passsei cheque em nome dela. Ele havia perdido o bilhete de identidade. Entreguei-lho e mandei-os passar pela cozinha para levarem alguns géneros alimentícios. Despedimo-nos. Agradeceram e exclamaram: — *Obrigado; hoje já vamos ter casa! Amanhã já tenho trabalho nas obras.* Com o cheque na mão, pareciam vidas ressuscitadas.

## Pobre viúva

Veio a nossa Casa. Logo de entrada apresentou-se: — *Sou viúva há vinte e seis anos e ninguém tem nada para me dizer. Os meus filhos são meus amigos, mas*

*vivem longe desta terra. A minha cozinha precisa muito de obras. O telhado está muito roto. O chão da casa é mais baixo que o da rua e quando chove fico com a casa inundada. Venho pedir a vossa ajuda.*

Prometi ir ver e lá fui no dia seguinte. Pobre casa! Pobre telhado! Pobre forro de placas envelhecidas! Pobres portas e janelas! O chão de cimento a desfazer-se!

À porta um montinho de telha usada, mas ainda boa, que família amiga lhe tinha oferecido. Disse que o genro viria reparar a casa e traria consigo alguns amigos que dariam também a mão. Era necessário levantar um pouco as paredes e o telhado. É também necessário subir um pouco o chão. Pôr portas e janelas novas.

Depois de ver tudo aquilo e de escutar as amarguras daquela mulher, prometi a nossa ajuda e que fosse de novo a nossa Casa. No sábado apareceu e, radiante, agradece o cheque assinado, convidando «para depois ir ver a minha casinha quando estiver pronta».

Estes momentos de alegria que vivemos e que damos a viver aos irmãos são de todos os que estão atentos e colaboram com sua ajuda para o Património dos Pobres.

Padre Horácio

## PENSAMENTO

*A Caridade recupera o que a chamada civilização perde.*

PAI AMÉRICO

## Mensagem quaresmal do Santo Padre

A mensagem quaresmal do Santo Padre, este ano, propõe o tema do analfabetismo em relação com a pobreza, da qual é, simultaneamente, uma causa e consequência. «Esta terrível praga — escreve o Papa — contribui para manter imensas multidões na condição de subdesenvolvimento, com tudo o que leva consigo de miséria escandalosa».

Este subdesenvolvimento é mais gritante em países ditos evoluídos onde o contraste cultural se evidencia e vinca fronteiras de marginalização. Que naqueles em que a cultura tradicional do seu povo não foi *atropelada* por outras culturas, o analfabetismo não cava distâncias tão profundas no seio do povo, embora dependa da sua erradicação a caminhada para um verdadeiro progresso que se quer mas tem de ser procurado e esperado pacientemente.

Ora aqui está o ponto que me parece tónico nesta mensagem: João Paulo II «faz constar a sua gratidão a todas as pessoas e organizações comprometidas nesta obra de solidariedade que é a alfabetização»; e

## Notas do Tempo

«exorta vivamente os pastores da Igreja a tomar a peito e encorajar este grande serviço prestado à Humanidade. Quer dizer: é um chamamento à Igreja, à sua vocação multissecular de Mãe e Mestra. Mestra que se assume e não desperdiça oportunidades de exercer a função de ensinar todas as gentes como parte integrante da Sua missão. É Mãe que não se precipita nem precipita acções, sabendo, como é próprio das mães, adaptar-se ao ritmo de que os filhos são capazes».

Há precisamente quarenta e quatro anos (31/Março/51), a propósito do Património dos Pobres que então nascia, Pai Américo exprimiu o mesmo pensamento neste hino tão belo: «A Igreja! A força irresistível da Mãe! Quem é que ensinou a ler? Quem arroteou? Como gosto de mergulhar nestas verdades da História! Vinte séculos não a perderam. Outros tantos não a perderam! Ela a Mãe que

veste, que agasalha, que ampara, que dá os seios. Não é mais ninguém. Nem apostasias nem deserções, nem fraquezas — nada. Nada lhe toca. Nada a diminui. Ela é a Mãe!»

## Cimeira de Copenhaga

A pobreza anda nas bocas do mundo. Foi agora na Cimeira de Copenhaga. «Cento e vinte e um chefes de Estado, de todos os Continentes, assumiram o compromisso político de unir esforços para erradicar a pobreza do mundo.»

As notícias que os *media* trazem, falam de «negociações difíceis», das «divergências entre os interesses dos países ricos e os dos estados pobres e em vias de desenvolvimento», «tendo ficado consagrada, na declaração final da cimeira, apenas uma medida concreta embora de aplicação facultativa»: «a chamada *Iniciativa 20/20* que aponta para

que 20 por cento das contribuições dos países doadores e 20 por cento dos orçamentos nacionais dos estados pobres sejam investidos na melhoria das condições de saúde, de nutrição, de ensino, de habitação, de saneamento básico, entre outras». Falam também dos milhares de milhões que «a satisfação destas e de outras necessidades sociais básicas no Terceiro Mundo vão exigir até ao fim do século».

Debruçarem-se os Chefes dos Povos sobre a chaga da pobreza que fere a face da Terra — é bom! Unirem esforços para a curar — melhor! Mas será que um compromisso político tão cheio de reticências e indefinições levará a meta válida?... Quem dera!

A erradicação da pobreza do mundo faz-se com homens; primeiro — e sobretudo! — que com compromissos políticos e os milhares de milhões que eles põem em jogo. Se o Senhor disse «Pobres sempre os tereis convosco», não foi por fatalismo; foi, certamente, pela fatalidade do homem natural que quereria se, por si só, fosse capaz de querer..., mas sem a Graça realmente não é.

Enquanto assim, jaz futurível um futuro possível.

Padre Carlos

## BENGUELA

## Cólera

Por pouco que as notícias desta Casa não chegavam até vós. À hora em que me dispunha a escrever, vieram dizer-me que uma mulher jazia prostrada na rua, há muito tempo, com a doença da cólera, à espera da morte. Foi mesmo uma corrida contra a morte! A carrinha, mais uma vez feita ambulância, leva a doente ao hospital da cidade. É preciso soro e o enfermeiro diz que não há. Mais sofrimento à mistura com alguma revolta! A vida perdeu o seu valor... Vai-se como uma folha seca que se desprende da árvore... Não se dá conta, não se liga.

É preciso bater às portas até que o remédio apareça. Como noutras situações de emergência, também nesta as Irmãs são verdadeiras salva-vidas. Assim aconteceu! Quatro embalagens do precioso líquido garantem a vida daquela mãe e duma filha ainda pequenina que estava com ela.

A doença da cólera tem levado e continua a levar muita gente à sepultura. A chuva e o calor intensíssimo que se tem feito sentir nesta época do ano favorecem o aparecimento e desenvolvimento da doença. Atacada a tempo e horas pode não ser mortal. Mas como é possível, à maioria do povo, a viver em condições infra-humanas, resistir a tão grande mal? Toda a gente sabe que está na falta de higiene a causa principal desta doença. Quando se fala em falta de higiene, estamos a entrar num «mundo» onde nos sentimos perdidos, tal é a sua dimensão! Que campo de trabalho, sem limites, para grupos ou Organizações voltadas para o desenvolvimento comunitário das Aldeias! Algo se está a fazer, mas parece sempre que tudo está por fazer. É um grande desafio.

## E fome

Este fim-de-semana foi muito doloroso para mim. Não me lembro de ter acontecido mandar para casa a gente que trabalha connosco com o saço e a bacia vazios. É que não tinha uma caneca de farinha de milho para distribuir! Os últimos dias da semana passada foram de correria dum lado para o outro a ver se encontrava esse grãozinho de ouro que se chama milho. E nada! Que situação desastrosa, que não dá para entender! Mas não podemos deixar morrer à fome, ou ficar caída no chão, sem nada fazer, toda esta gente. É povo que quer trabalhar, mas precisa de comer. Nossa vida seria aparentemente mais tranquila, se puséssemos de parte estas preocupações. Mas como?

É tempo da Quaresma. A Partilha é palavra de ordem à porta dos corações. Partilhar o que cada um tem é nobre. Partilhar a vida é muito belo e pleno.

A todos os que nos acompanham no nosso caminho dizemos obrigado! Às pessoas amigas que nos escrevem e mandam suas lembranças dizemos que tudo tem chegado bem.

Padre Manuel António

## Quinto centenário do nascimento de S. João de Deus

COM o Padre Horácio e três rapazes estivemos na Celebração Eucarística que deu início às comemorações do quinto centenário do nascimento de S. João de Deus, presidida pelo legado do Papa, o Cardeal Florêncio Angelini, em Montemor-o-Novo.

Por motivos pessoais, desde que na fé despertei para os Pobres, a figura de S. João de Deus teve no meu íntimo um lugar de relevo.

Para além da Obra que os Seus Irmãos desenvolvem no mundo, pouco mais conhecia da sua vida que a sua entrega incondicional aos Pobres e Doentes, a sua confiança radical na Providência, o amor a Jesus Cristo e a fé devoradora da própria vida.

Na homilia que o Enviado Papal proferiu, impressionou-me o relato de dois factos marcantes da actividade apostólica do Santo que passo a descrever e comentar.

Considerado louco, foi internado no Hospital Real e ali pôde verificar a forma desumana como eram tratados os Doentes do foro psíquico, nascendo assim no seu coração, iluminado pela fé na presença de Deus Vivo em cada paciente e dorido pelo sofrimento dele, um desejo estuante de os acolher e tratar de acordo com os princípios em que acreditava.

**Pai Américo disse que «para se ter amor é muito útil, se não indispensável gemer a dor»**

A experiência ensina que para sentir o amor é necessário sofrer a dor.

O Padre Américo disse-o de outra maneira e nós confirmamo-la pela nossa prática e também pela alheia. É verdade: para se ter amor é muito útil, se não indispensável, gemer a dor.

## SETÚBAL

Foi assim que a Providência conduziu João de Deus e nos pretende encaminhar. Só que nós recusamos a pedagogia divina, preferindo a humana: criar estruturas, serviços e montarmo-nos neles à maneira pagã.

João de Deus carregava, ele mesmo, os Doentes às costas! Que proveitosa meditação ele faria com a carga do Doente sobre os ombros!... Que fervorosa oração!... Que magníficas resoluções não tiraria no seu íntimo?! Que profundos desejos de ser somente de Deus, ele que assumia sobre si o peso de Deus na carne dos irmãos sofredores! Com que luz se não iluminaria interiormente nesta prática!... E que sabedoria e força o não inundariam!...

Haverá melhor maneira de pregar? De evangelizar? De rezar? De buscar a própria conversão?...

Diante de um mar infinito de famílias degradadas, a gente, sem forças para tanta desgraça, prega a adopção de uma família envilecida por um grupo de quatro ou cinco famílias cristãs.

E que vemos nós? Alguém a seguir-nos? A tomar sobre si a situação desgraçada de tanta gente sem rumo?... Não. Quase somente a fazer como os políticos e os sindicalistas pagãos: Assentes em dados económicos e sociológicos, denunciam; mas, por eles, não lhes tocam nem com um dedo.

Outro facto referido pelo Cardeal Legado: João foi acusado ao Arcebispo de acolher na sua casa — a Casa de Deus, como ele gostava de lhe chamar — gente de má nota.

Segundo a Nota Pastoral do Episcopado publicada há dias, a propósito deste centenário, os Pobres, os Doentes, os Marginalizados passaram a ser preocupação dominante de João de Deus, após a conversão. Não fazia distinção de pessoas. Recolhia-os, dava-lhes cama,

comida e roupa; aquecia-os com lenha que ia buscar à serra; contraía dívidas para os tratar; pedia esmolas pelas ruas de Granada!...

Na presença do Arcebispo, João, respeitadamente afirmou: — *Saiba vossa Paternidade que o único*

*indigno de estar naquela casa sou eu.*

Onde foi este homem buscar tanta sabedoria e humildade? Onde?... se não à dor de que se apossou sem quaisquer rodeios nem cenários.

Padre Acílio

## FESTAS

## LISBOA

«Os ensaios correm lindamente», dizem os ensaiadores que se têm esforçado para que tudo corra da melhor forma para orgulho da Casa. Não são só os que participam, que trabalham. Há também que lembrar os que cá ficam nas suas obrigações, a tomar conta da Casa nos fins-de-semana.

É também neste tempo que pomos em ordem o roupeiro das Festas, que não está a 100%. Para as deste ano, não faltará nada. Ai se não fosse a D. Emília, sempre persistente com as mais pequeninas coisas! Por isso, faço um apelo aos Amigos que tenham trajes de peças de teatro que já não usem, no-las ofereçam. Aceitamos tudo com prazer e servirão para futuras Festas.

Joaquim Miguel F. Pinto

23 de Abril, às 15,30 h. — **FORTE DA CASA (Póvoa de Santa Iria);**

30 de Abril, às 15,30 h. — **Igreja do Sagrado Coração de Jesus — LISBOA;**

7 de Maio, às 15,30 h. — **PENICHE;**

13 de Maio, às 15,30 h. — **LOURES;**

14 de Maio, às 15,30 h. — **Instituto de ODIVELAS;**

21 de Maio, às 15,30 h. — **RIO DE MOURO;**

28 de Maio, às 15,30 h. — **Mem Martins — ALGUEIRÃO;**

4 de Junho, às 15,30 h. — **LOURINHÁ;**

11 de Junho, às 15,30 h. — **TORRES VEDRAS.**



**Gaiato**

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50078888 — Reg. D.G.C.S. 100308 — Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Março: 73.000 exemplares.